

A LITERATURA INFANTIL NO CONTEXTO DAS TEORIAS E CRÍTICAS DA CULTURA

Tamires Oliveira Pereira¹

Resumo: Este artigo pretende apresentar algumas indagações emergentes dos estudos de textos de diferentes escritores da Crítica Cultural nos cenários nacional e internacional. O objetivo é pontuar possíveis interlocuções entre as Teorias e Críticas da Cultura e a literatura infantil, tal a multiplicidade didático-pedagógica das obras literárias no complexo processo de alfabetização. A metodologia é revisão bibliográfica, a partir da leitura de teóricos: Adorno (1969); Rolnik (1989); Hunt (2010); Kleiman (2008); Zappone (2008) e Cosson (2014). Inicialmente são apontados os caminhos da (des) construção e (re) construção do objeto de investigação científica de dois pesquisadores do estruturalismo francês, Eneida de Souza (1994) e Roland Barthes (1987; 2012), em seguida, são apresentadas as relações com o objeto de pesquisa.

Palavras-chave: Estruturalismo. Literatura infantil. Letramento literário.

INTRODUÇÃO

A partir da proposta de pensar sobre o objeto de pesquisa, no curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica), e relacionar com as teorias apresentadas em uma das disciplinas², alguns questionamentos surgiram acerca das possíveis conexões com a literatura infantil e o universo da criança, em etapa de alfabetização. O projeto de pesquisa

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica, UNEB), Linha de pesquisa Letramento, identidades e formação de educadores. Orientadora Profa. Dra. Lícia Soares de Souza. Endereço eletrônico: tami434oliveira@gmail.com.

² Teorias e Críticas da Cultura- CCult150.

intitulado: Implicações da literatura infantil de Eva Furnari na construção de habilidades da consciência fonológica, a princípio, sugere um estudo mais voltado para a análise textual de três livros da autora, a partir de um parâmetro linguístico.

No intuito de ampliar os horizontes da pesquisa, alguns questionamentos sobre o objeto se apresentam: como a Teoria da Literatura projeta o universo infantil? Quais efeitos a ênfase tardia no estudo da teoria e a crítica literária infantil provocaram ao desenvolvimento e à valorização da literatura infantil, em seus diversos contextos sociais, educacionais ou acadêmicos?

O limitado acervo de estudos teóricos centralizados nas obras infantis é justificado pelo fato de que em meados do século XX, tempo da efervescência das teorias francesas no Brasil, a literatura infantil ainda passava pelo processo de consolidação no cenário brasileiro, resultado da ampliação da escolarização do ensino básico e a conseqüente profissionalização de autores voltados para o público infantil (OLIVEIRA, 2015).

Como estratégia de compreender os processos de (re) construção, (des) construção e (re) estruturação do projeto de pesquisa, neste artigo serão abordados aspectos considerados relevantes do livro *Tempo de Pós Crítica* de Eneida Maria de Souza (1994), resultado de seu Memorial para o concurso de Professor Titular de Teoria da Literatura da UFMG; impressões breves sobre o artigo de Roland Barthes (2012) “*Introdução à análise estrutural da narrativa*” situado no primeiro capítulo do livro “*Análise estrutural da narrativa*” (BARTHES et. Al., 2012) e indagações sobre as possíveis relações da literatura infantil com as Teorias e Críticas da Cultura.

OS CAMINHOS DA (DES) CONSTRUÇÃO E (RE) CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Dois aspectos provocaram a escolha do livro *Tempos de Pós Crítica* de Eneida de Souza. O primeiro deles foi a configuração do livro, enquanto compilação de seu memorial, pois dá acesso ao lugar da personalidade, da intimidade, da conversação, a partir da narrativa da autora enquanto pesquisadora. O segundo, foi a tentativa de compreender a abordagem de Roland Barthes, através de uma experiência real de análise literária.

Os relatos de Eneida de Souza (1994) iniciam na graduação, porém estão mais centrados na dissertação de mestrado, no Rio de Janeiro e no período do doutorado em Paris, na imersão nas teorias francesas em plena efervescência. Embasou-se em teóricos como Claude Lévi-Strauss, Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Roland Barthes entre outros estudiosos sobre o estatuto do discurso, do sujeito, da autoria, da escrita e da linguagem.

Em uma contextualização histórica que data dos anos de 1970, Souza (1994) remonta o panorama histórico e o cenário acadêmico do Brasil, a partir da criação de novos cursos de pós-graduação na área das Ciências Sociais pelas principais Universidades, um movimento de resistência, visto que o Brasil ainda estava submetido à ditadura.

Souza (1994) apresenta a mescla, a interdisciplinaridade da Teoria da literatura com as áreas da Filosofia, Linguística, Antropologia, Sociologia, Psicanálise e Semiologia inicialmente em 1970, mais voltada para a análise do discurso literário, a partir da configuração dos princípios estruturalistas. São apontadas observações que situam o estudo da crítica literária brasileira impregnada de teorias e métodos de análise literária importados das teorias francesas.

A imersão nos estudos dos estruturalistas com ênfase na antropologia de Claude Lévi-Strauss disseminou as teorias para além da produção da dissertação. Eneida de Souza ministrou cursos e pesquisou autores nacionais do campo da literatura por meio de preceitos teóricos do estruturalismo.

Na dissertação de mestrado *A barca dos Homens: a viagem e o rito*, Souza (1994) tratou sobre os procedimentos sintáticos-semânticos da narrativa:

O eixo central do trabalho gira em torno dos temas da viagem e do rito, considerados como procedimentos sintático-semânticos da narrativa. Cria-se um espaço intertextual a partir da metáfora da viagem. Responsável pelo caráter plural dessa escrita que se compõe dos suportes mítico, religioso e ficcional (as narrativas de viagem, a viagem da escrita, as histórias que se reduplicam e se desdobram) (SOUZA, 1994, p. 54-55).

A partir da contribuição de outros autores, Souza (1994) descreveu os aspectos teóricos e metodológicos que embasaram a pesquisa, em destaque, a utilização da metáfora em ensaios posteriores. Paralelamente, conviveu com fortes críticas sobre o ensino universitário quanto às contradições enfrentadas ao cumprir o “academicismo” imposto nas produções científicas e efetivamente dificultar o acesso à comunidade por causa da linguagem normativa.

Para ilustrar com um recorte do cenário da época, em que teóricos franceses foram largamente estudados nas Universidades brasileiras, postas à prova através de produções científicas, pretende-se fazer uma breve contextualização do viés estruturalista na análise da narrativa, a partir de um dos escritos de Roland Barthes (2012), em sua fase mais voltada à Linguística e Semiologia.

No artigo intitulado *Introdução à Análise Estrutural da Narrativa* de Roland Barthes (2012) escritor, filósofo, sociólogo,

crítico literário francês, destacado nas décadas de 1960 e 1970, são apresentadas as facetas do método desenvolvido por ele e outros teóricos, que se configurou em uma descrição detalhada de análise das narrativas, segundo ele:

Ninguém pode combinar (produzir) uma narrativa, sem se referir a um sistema implícito de unidades e regras. [...] Ela está por força condenada a um procedimento dedutivo; está obrigada a conceber inicialmente um modelo hipotético de descrição (que os linguistas americanos chamam de “teoria”), e a descer em seguida, pouco a pouco em direção às espécies que, ao mesmo tempo, participam e afastam dele: e somente no nível destas conformidades e diferenças que reencontrará, munida então de um instrumento único de descrição, a pluralidade das narrativas, sua diversidade histórica, geográfica, cultural (BARTHES, 2012, p. 20-21).

Nas subdivisões encontram-se a “língua da narrativa” na qual a frase e o discurso estabelecem uma relação “secundária” (homológica) caracterizando uma identidade entre a linguagem e a literatura; os “níveis de sentido” que abarcam os níveis fonético, fonológico, gramatical e contextual da frase, de forma hierarquizada. O autor também descreve em uma espécie de “perfil provisório”, as subdivisões da narrativa por níveis: das “funções” (nível superior), das “ações” (personagens e sujeito da narrativa), e, em oposição a estes, o da “narração” (BARTHES, 2012).

A leitura do artigo apresentou um contexto aprofundado e sistematizado da linguística, de modo que os termos, as hierarquizações, os procedimentos metodológicos e analíticos das narrativas não provocaram conexões com o objeto de pesquisa, na perspectiva dos pequenos leitores, nem às formas didático-pedagógicas que se deseja relacionar. Porém, serviram à expansão do ato de pensar e estendeu as pesquisas sobre o autor, remontando um período de transformações teóricas que se configuraram em novas produções, como o livro *O prazer do texto*

Roland Barthes (1987, p. 9) o qual propõe um tipo de análise que abrange a história cultural e a “dialética do desejo”. A escrita de Barthes parece movida por liberdade, rupturas e se traduz em novas percepções acerca do texto:

Se aceito julgar um texto segundo o prazer, não posso ser levado a dizer: este é bom, aquele é mau. Não há quadro de honra, não há crítica, pois esta implica sempre um objetivo tático, um uso social e muitas vezes uma cobertura imaginária. [...] Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura (BARTHES, 1987, p. 21-22).

De modo semelhante ao escritor Roland Barthes, Souza (1994) revisita a dissertação de mestrado, de forma autorreflexiva e minuciosa descreve as próprias limitações do ponto de vista metodológico e epistemológico. Dois aspectos evidenciados pela autora: o abandono do exame da enunciação do texto e sua articulação entre o sujeito e a linguagem bem como a descaracterização das relações entre produção/recepção, sujeito/receptor, retomando o paradoxo anteriormente citado, sobre a garantia da cientificidade a partir de uma análise neutra.

Na década de 1980, os estudos se ampliaram ao revisar as teorias críticas e incorporar ao debate a perspectiva histórica e cultural a partir da antropologia pós-moderna em que o sujeito passou a receber destaque tanto no perfil de pesquisador como de sujeito da investigação. A partir de novas produções científicas ensaísticas e escolha de novos objetos de estudos, Eneida de Souza apresenta o caráter discursivo revisado, focado na legibilidade e na facilidade no acesso: “O objetivo principal reside justamente na melhor divulgação da produção acadêmica, contribuindo para que se realize o desejado diálogo entre o discurso universitário e a comunidade” (SOUZA, 1994, p. 73).

O cenário sociocultural e científico contribuiu para evidenciar e problematizar o lugar da pesquisa pelas vias

marginais, sob a ótica da cultura descentrada, novos sujeitos e novos modos de produção foram evidenciados no âmbito dos estudos das teorias e críticas da cultura. Assim, a perspectiva teórico-metodológica de diversos autores, a exemplo daqueles destacados no artigo, apresentou significativas mudanças para o cenário brasileiro.

BREVES INTERLOCUÇÕES COM O PROJETO DE PESQUISA

A literatura infantil é o objeto da pesquisa. Ao longo dos anos tem assumido seus próprios contornos, porém ainda enfrenta certo tipo de resistência ao ser abordada nos campos da teoria e da crítica e no espaço acadêmico, em geral. O professor britânico de Literatura Infantil, Peter Hunt, como representante mais notável nos estudos da teoria crítica e teoria literária voltada para a literatura infantil, reitera esta observação na obra: *Crítica, teoria e literatura infantil* de 1991, tardiamente traduzida para língua portuguesa, em 2010. O autor sinaliza que

ao trabalhar com crianças e livros, não podemos assumir os tipos de valores existentes na “alta cultura” e na academia. [...] Quem procurar desenvolver uma “poética” coerente da literatura infantil terá de justificar a tarefa tanto para os de fora como para quem atua na área. Qualquer um que trabalhe de alguma maneira com livros para crianças para criança deve constantemente se justificar para uma classe de pessoas diferentes, e batalhar por vários tipos de status (HUNT, 2010, p. 31).

A reflexão apresentada por Hunt contribui para o fortalecimento da escolha do objeto, e o estudo mais aprofundado da obra pretende expandir as conexões, bem como gerar novas provocações. Hunt reforça que

Do ponto de vista histórico, os livros para criança são uma contribuição valiosa à história social, literária e bibliográfica; do ponto de vista contemporâneo, são vitais para a alfabetização e para a cultura, além de

estarem no auge da vanguarda da relação palavra imagem nas narrativas, em lugar da palavra simplesmente escrita (IDEM, 2010, p. 43).

O acervo de obras literárias brasileiras traz em seu bojo, escritores e escritoras consagrados como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Ziraldo Alves Pinto, Lígia Bojunga, Pedro Bandeira, Cecília Meireles, Maurício de Souza, Eva Furnari — escritora elencada para o projeto de pesquisa — José Bento Renato Monteiro Lobato (precursor da literatura voltada ao público infantil), dentre outros.

Para contextualização, a escolha de literaturas infantis contemporâneas da escritora Eva Furnari³ (2011), pareceu se direcionar ao estudo literário a partir da Linguística concebido pelas regras estruturais da narrativa descritas no artigo de Roland Barthes anteriormente citado. Entretanto, as relações intersemióticas a serem observadas a partir de elementos da tradição oral presentes nos livros, as ilustrações, o jogo de palavras e brincadeiras que se anunciam e envolvem o imaginário indicam maior aderência ao aprofundamento da pesquisa por este viés.

Diversos livros de Eva Furnari (2002; 2011) são direcionados às crianças em processo de alfabetização, caracterizado pelo 1º ciclo dos anos iniciais do Ensino Fundamental, fase na qual, muitas habilidades são desenvolvidas com foco na aprendizagem da leitura e escrita, as quais devem incidir necessariamente, em práticas sociais de letramento situado.

Desse modo, mais algumas indagações surgiram como tentativas de interconectar a crítica cultural e o projeto de pesquisa. Como a criança vê ou lê o livro infantil nesta fase

³ Não confunda (2011); Você troca? (2011); Travadinhas (2011).

escolar? Quem escolhe o livro para a criança ler? Como o letramento literário pode se (re) configurar no ambiente alfabetizador da sala de aula? Os contextos socioculturais e econômicos, a que estão inseridas, impactam na forma como a literatura é trabalhada na escola? Os dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* em parceria com o Itaú Cultural realizada em setembro de 2020 (CASESSE, 2020) apontaram para um aumento no hábito de leitura em crianças de 5 a 10 anos, esta faixa etária corresponde justamente à fase escolar caracterizada pelo processo de alfabetização.

No contexto do letramento literário, um conceito advindo das teorias da literatura, pesquisadores como Mirian Zappone (2007) e Rildo Cosson (2011; 2014) desenvolvem estudos que problematizam as conceituações e perspectivas do letramento literário. Sendo assim, o projeto de pesquisa pretende situar a literatura infantil no ambiente escolar, refletindo sobre o livro e as relações que estabelece com as crianças, principais leitoras em fase de alfabetização, a partir do letramento literário.

Muito antes do conceito de letramento literário, o conceito de letramento, no Brasil, tomou forma a partir dos anos de 1980, mediante pressupostos teóricos de autoras como Mari Kato (1986), Leda Tfouni (1999), Magda Soares (2016), Ângela Kleiman (2008) entre outros. Documentos governamentais vinculados à educação passaram a agregar o conceito de alfabetização com o de letramento na tentativa de regular e incorporar melhorias à educação básica e ensino médio (KLEIMAN, 2008).

Sendo assim, dois caminhos se configuram podendo indicar direcionamentos teóricos opostos na elaboração da pesquisa: o primeiro, o professor como sujeito leitor e “agente do letramento” (KLEIMAN, 2008) das obras infantis e suas intervenções didático-pedagógicas e, o segundo, a criança como

sujeito leitor e suas implicações ao letramento literário para a fase da alfabetização, em específico.

Sabe-se que no decorrer do processo, as nuances serão reveladas, pois na fase de elaboração, organização e aprofundamento da pesquisa pode naturalmente incorrer nas (des) construções e (re) construções dos embasamentos teórico-metodológicos, tais quais Eneida de Sousa e Roland Barthes relataram, como também a superação das convicções de natureza puramente empírica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras elencadas para ilustrar este artigo perfazem conexões indiretas com o objeto da pesquisa, ao demonstrar que na segunda metade do século passado, no período pós-guerra, o cenário internacional, nos mais diversos aspectos: políticos, econômicos e socioculturais mobilizavam o contexto de produção científica abordando de forma cada vez mais interdisciplinar os diferentes objetos de pesquisa. O Brasil indicava importantes avanços da expansão acadêmica e ampliação de cursos de pós-graduação.

A importação das teorias francesas no meio científico, somada à escolha do estudo da obra de Peter Hunt traduzem a forte influência das pesquisas estrangeiras europeias sobre o panorama da Teoria e da Crítica. Como professor e pesquisador inglês, suas idéias oferecem um aprofundamento considerável sobre o viés da literatura infantil, porém não abrange o contexto brasileiro.

Sob este aspecto, escritores, críticos literários, sociólogos e antropólogos inseriram novos paradigmas, provocavam rupturas e fendas ao problematizar a configuração hegemônica, eurocêntrica e ocidental como balizadora, inclusive da cultura brasileira. Esta

problematização das implicações da cultura se incide no tempo presente e (re) direciona novas rotas na pesquisa, na crítica cultural e até mesmo nos modos de produção.

Durante este recorte cronológico, o campo literário mais amplo se expandiu de forma expressiva. Enquanto que, a literatura infantil, no âmbito da produção e comercialização avançou significativamente, contudo, no âmbito dos estudos da teoria crítica, caminha de forma lenta, com traduções pontuais de produções estrangeiras e enfoque acadêmico em outras áreas.

Sem pretensões de encerrar as discussões, observa-se que o campo da literatura infantil deverá ser impelido a ampliar o debate científico, ao provocar novas problematizações e quebra de preconceitos subjacentes ao trato teórico-metodológico e crítico.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1969.

BARTHES, Roland. Introdução à Análise Estrutural da Narrativa. In: *Análise Estrutural da Narrativa*. BARTHES, Roland. TODOROV, T.; GREIMAS, A. J.; BREMOND, C.; ECO, U. GRITTI, J.; MORIN, V.; METZ, C.; GENETTE, G. Ed. Vozes: Rio de Janeiro, 2011, págs. 19-62.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Edições Perspectiva, 1987.

CASSESE, PATRÍCIA. Resultado da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil é apresentado. *Jornal O tempo*, Contagem, 11 set 2020. Diversão. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/resultado-da-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-e-apresentado-1.2384052>. Acesso em: 22 dez. 2020.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

FURNARI, Eva. *Não confunda*. 2. ed. Editora Moderna: São Paulo, 2002. 31p.

FURNARI, Eva. *Você troca?* Reimpressão. Editora Moderna: São Paulo, 2002. 32p.

FURNARI, Eva. *Travadinhas*. 3. ed. Editora Moderna: São Paulo, 2011. 32p.

HUNT, Peter. *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

KATO, Mary. No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Ângela B. *Os estudos do letramento e a formação do professor de língua materna. Linguagem em (Dis)curso*: vol. 8, nº 3, Tubarão, p. 487-517, set./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ld/v8n3/05.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2020.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. A história do ensino da literatura infantil na formação de professores no estado de São Paulo (1947-2003) [recurso eletrônico]. 353p. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SOARES, Magda Becker. *Alfabetização: a questão dos métodos*. Editora Contexto: São Paulo, 2016. 384p.

SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1994.

TFOUNI, Leda Verdiani; ASSOLINI, Filomena Elaine. Os (des)caminhos da alfabetização, do letramento e da leitura. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 9, n. 17, p. 25-34, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103863X1999000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 nov. 2020.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas. *Revista Teoria e Prática da Educação*, v. 11; n.1.p. 49-60, jan/abr. 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/22217964-Modelos-de-letramento-literario-e-ensino-da-literatura-problemas-e-perspectivas.html>. Acesso em 22 dez. 2020.